

# Brasília, alvo de insensatos

DESAFETOS DA CIDADE ACREDITAM QUE SE A CAPITAL DO PAÍS NÃO FOSSE AQUI NÃO HAVERIA CORRUPÇÃO ENTRE POLÍTICOS

CYNARA MENEZES

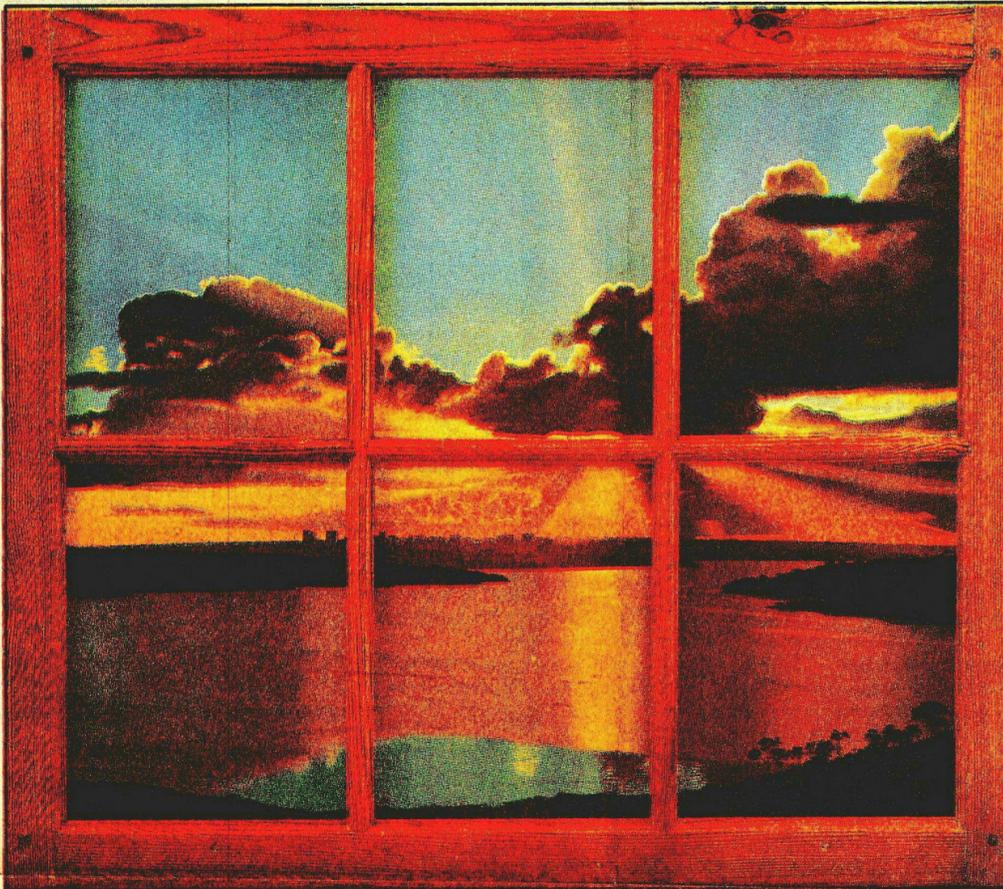
**F**oi só o mar de lama vir à tona novamente, trazendo em suas ondas anões gigantes em ganância e gigantes nanicos em moral, para os ataques a Brasília recomeçarem. Deu nos principais jornais do País: Brasília precisa morrer, Brasília deveria desaparecer sob as águas do Lago Paranoá, Brasília, a cidade imperial, a Ilha da Fantasia. Metonímia diria um gramático — a parte pelo todo. Estaria na capital a gênese dos problemas da Nação?

"Politicamente, temos que admitir que sim", diz o livreiro Ivan da Silva, fluminense de Niterói, radicado em Brasília há 28 dos seus 44 anos. "A corrupção macula a imagem da cidade, que só vai ser bem-vista quando o País melhorar", prevê. A crítica de Ivan encontra eco e faz inegável sentido. Nada mais se fala sobre a cidade a não ser de política ou do (mais uma vez) incipiente rock'n roll. Daí a dizer que se a capital não fosse aqui tudo seria diferente, vai uma distância bem maior que a da Terra para o satélite da Rede Globo.

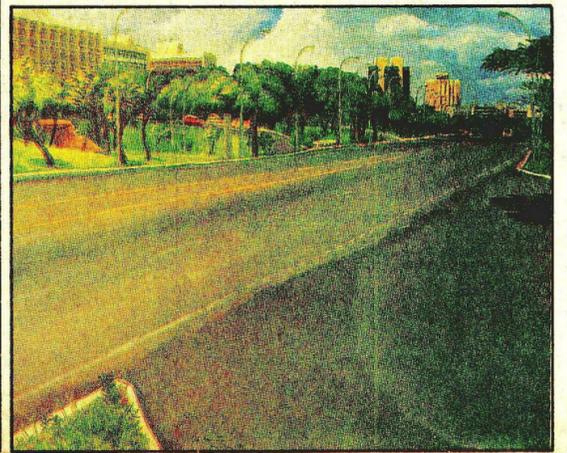
A origem das críticas a Brasília remonta à sua própria criação. Segundo o antropólogo americano James Holston em seu livro *A Cidade Modernista*, que escreveu sobre a cidade quando Juscelino Kubitschek anunciou em 1956 sua decisão de transferir a capital para cá. "encontrou oposição de todos os lados. Imprensa, lideranças parlamentares, políticos locais de todos os matizes, e mesmo os jornais populares escarneceram do projeto como pura insensatez". O povo, no entanto, apoiava a construção da nova capital: tanto é que Juscelino foi eleito com essa promessa, explicada pela necessidade de "interiorizar" o progresso brasileiro, restrito à costa.

"O Brasil estava enjoado do Rio, todos os outros estados apoiaram a mudança", conta o senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), que participou do processo como mentor da Universidade de Brasília. O senador garante que a adesão popular foi tão grande que teria sido possível a qualquer presidente realizar o projeto. "Foi uma coincidência extraordinária que fossem Juscelino, Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, porque se tivesse sido o presidente Dutra, por exemplo, Brasília seria um fiasco arquitetônico", diz Darcy Ribeiro, que considera "atrasadas" as pessoas que ainda se opõem à instalação da capital no Planalto Central. "Se não tivesse sido construída, o Rio estaria ainda mais gigantesco e com problemas ainda mais graves que hoje", defende.

**Cariocas** — Parece vir do Rio de Janeiro, capital do Brasil por quase 200 anos (entre 1763 a 1960), a



Lago Paranoá, quadro de Jorge Eduardo; em cima, Brasília, Brasil, de Glauco Rodrigues; embaixo, SQS 107 e Banco Central, de Gil Vicente



maior oposição a Brasília, até hoje. Não é à toa que a crítica mais feroz em relação não à corrupção, mas à própria capital, nos últimos dias, partiu do jornal carioca O Globo, em editorial de domingo passado, e lido com todas as suas rebuscadas letras na segunda-feira, pelo Jornal Nacional. No texto, Brasília se transforma em uma "terra de ninguém" onde domina a "cabala burocrática" e onde num "clima de estufa prosperam todas as anomalias".

"O Rio ainda não se conforma de ter perdido o posto de corte", confirma o poeta Tetê Catalão, ele próprio natural do Rio, candango há 21 anos, e que considera as críticas uma "maldade" com quem vive aqui, mas alerta para uma eventual disputa entre as duas cidades. "Isso pode virar um eterno Fla-Flu, Emilinha versus Marlene, o que eu considero uma bobagem", diz Tetê.

"Além do mais, toda essa história da corrupção ser mostrada e os responsáveis punidos não tem nada de negativo, é positivo", afirma. "Pior era o tédio de saber que tudo ia continuar do mesmo jeito".

Mesmo o escritor Luiz Fernando Veríssimo, que chegou a escrever que o problema de Brasília era a "nostalgia da costa", em sua coluna dominical no JB, acha que a capital precisa é melhorar, não mudar novamente. "Realmente acho que esse isolamento, a cidade sepa-

rada do resto do Brasil, contribui para agravar os problemas, mas voltar para o Rio nem pensar", opina o escritor. Em seu artigo, Veríssimo disse que foi aqui que Jânio Quadros acabou de enlouquecer — segundo ele, um exagero de humorista. Mas Brasília não é mesmo sua cidade favorita: esteve aqui três vezes, e numa delas quebrou a perna. "Não é uma cidade em que gostaria de morar", resume.

**Amor e ódio** — Todo mundo sabe que a capital do País é um lugar destinado aos extremos: ou se ama ou se odeia a cidade, sem meio-termo. A atriz Dercy Gonçalves já declarou que não gostava daqui — "tem concreto demais". O cineasta baiano Gláuber Rocha, que viveu alguns anos em Brasília, amou a cidade à primeira vista. Caetano Veloso (Quando eu for a Brasília/ Trago uma flor do cerrado para

você) e Alceu Valença (Adeus Brasília/ Vou morrer de saudade) a cantaram.

Outro músico, este (quase) da terra, Renato Russo, acumulou mágoas com a cidade, e deixou de se considerar candango — mesmo tendo vivido 11 anos em Brasília — após o fatídico show no estádio Mané Garrincha, há cinco anos, quando houve o maior quebra-quebra na platéia, irritada com o cantor. "O problema de Brasília são as pessoas", critica Renato, que afirma não gostar de "polêmicas de jornal". Ao mesmo tempo, faz um desagravo: "O câncer não está só em Brasília, está no País inteiro".

Da nova geração de roqueiros, Fred, o baterista do mais badalado grupo de rock do momento — Os Raimundos —, é mais incisivo na defesa da cidade onde vive praticamente desde que nasceu: veio para cá aos quatro meses de idade. "Fico superputo quando falam mal de Brasília", diz Fred, em linguagem rock'n'roll. "Acho que a merda vem da política e as pessoas não conseguem dividir", critica. Ele está certo: o rock é a maior prova de que a cidade existe fora do circuito Congresso-Palácio-Tribunais-Ministérios. Se na política os acordos não estão afinados como na música, o problema está nos maestros e concertistas, não na casa de espetáculos.

## O D E

■ **Sou o maior fã de Brasília. Acho a maior viação o projeto, uma cidade no meio do nada.** (Fred, baterista dos Raimundos)

■ **Eis casas grandes de engenho, / horizontais, escancaradas, / onde se existe em extensão / e a alma todo-aberta se espalha.** (João Cabral de Melo Neto)

■ **No Bulevar dos Ventos / Em Brasília, quero morar / Aérea, clara Brasília / Levitando, levitando / Nos pilotis do poema / Brasília acima do mar.** (Homero Homem)

■ **Meu intuito ao projetar Brasília foi, antes de tudo, fazê-la diferente e, se possível, plena de surpresa e invenção.** (Oscar Niemeyer)

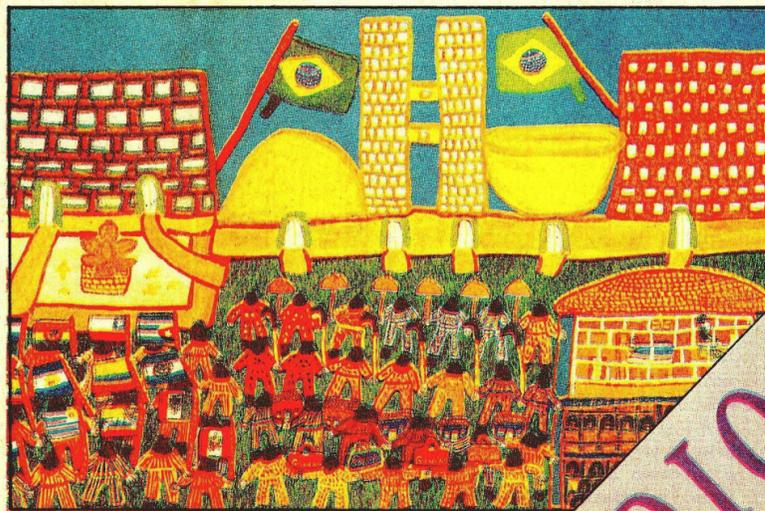
■ **Minha boca também está seca / deste ar seco do planalto / bebemos litros d'água / Brasília está tombada / iluminada / como o mundo real.** (Ana Cristina César)

■ **Brasília é uma estrela espatifada. Estou abismada. É linda e é nua.** (Clarice Lispector)

■ **Brasília foi a revolução cultural do Brasil; com sua construção, o Brasil pôde se livrar de seu complexo diante do colonialismo. Se falo assim, é porque o cinema brasileiro nasceu com Brasília num momento em que ninguém acreditava. A moderna universidade, as ciências políticas, tudo isto apareceu com Brasília.** (Gláuber Rocha)



A Esperança, pintura de Sandra Pinta, evoca a Brasília esotérica



No quadro Brasília e a Constituinte, Antônio Poteiro mostra em cores vivas o local das grandes manifestações populares

**ÓDIO**

■ Não vou não vou para Brasília / Nem eu, nem minha família. (Billy Blanco)  
 Folse o meu lote, não ficou nada / Só restam invulsos superquadras. / Em vão me encontro nas do meu Goiás. (Gilberto Mendonça Teles)  
 ■ O mar continua sendo o maior problema da capital do Brasil. A solução é o inferno na Terra, todo mundo sabe, até quem nunca viu a vantagem de não ir. (Editorial de O Globo, 8/11/93)  
 ■ Espírito de porco tem em todo que lugar, mas em Brasília, per capita, tem mais. (Renato Russo)